REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 889

10 DE SETEMBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

RICARDO HOGAN

Passou, ainda ha poucos dias (21 de agosto) o 12.º anniversario do fallecimento d'este artista de raça, embora o não fosse de profissão.

E' commemorando esse anniversario, que o OCCIDENTE publica hoje o seu retrato e reproduz uma das suas melhores aguarellas, acompanhando-o com o primoroso artigo que vae lêr-se, do nosso presado amigo e antigo collaborador do OCCIDENTE, sr. Ribeiro Arthur, amigo que foi tambem de Ricardo Hogan:

Entregando-se ao cultivo da arte por dilettantismo, as suas poderosas faculdades d'artista evidenciaram-n'o por tal forma que se tornou uma individualidade e nem a morte nem os annos decorridos conseguiram lançar no esquecimento o seu nome.

Conheci Ricardo Hogan em 1883, n'uns agradaveis serões organisados em Lisboa e dedicados á aguarella. Alli, artistas e amadores, alcançavamos a pratica do *métier*, estreitavamos relações e adquiriamos amigos inolvidaveis. Era um d'elles Hogan, que possuia uma nobreza de caracter sem egual e um talento pouco vulgar de artista. Affavel, generoso e dedicado, grangeou em pouco tempo o respeito e sympathia de todos os que o tratavam de perto. Muito trabalhador, sentia a ancia do incessante aperfeiçoamento; conseguiu ser por mais de uma vez inexcedivel na frescura e *coquetterie* dos seus trabalhos.

RICARDO HOGAN

Nascido em Lisboa, recebera na Inglaterra uma esmerada educação, trazendo já d'ahi o gosto pela aguarella. Estudando depois com Casanova, adquiriu a delicadeza que admiravamos nas suas ultimas obras.

Vi aguarellas suas deliciosas, e algumas possuo até de bastante merito.

Apaixonado pelos costumes do seculo XVIII e pelas *coquettes* elegancias do directorio, fazia resaltar do papel, com uma graça requintada, os tons das velhas sedas e os setins luminosos das casacas dos seus *antiquarios*, os reflexos brilhantes do verniz dos sapatos afivellados, e as cabelleiras empoadas dos seus *galans. Merveilleuses*, cheias de perfume, requebravam-se nas suas gazes vaporosas.

Fortuny era a sua paixão, Kaemmerer o seu enlevo. Sabia dar vida aos *incroyables*, que ostentavam ridiculamente os grandes chapeus, as collossaes gravatas *écronéliques* e as grossas bengalas *plombées*

Trabalhou sem descanço, sempre com a mesma febre, sempre com esperança no futuro, que lhe foi cruel e falso.

Hogan gosava da consideração dos nossos melhores artistas, e d'elle ouvimos fallar com calor a Malhôa e lisongeiramente a Columbano, que é justo no seu juizo, e pouco dado a tecer elogios a quem os não merece.

Casanova tinha uma especial predilecção por este seu discipulo, e orgulhava-se d'elle.

A sua casa era um encanto, um verdadeiro ninho de artista; alli iamos encon-

UMA AGUARELLA DE RICARDO HOGAN

tral-o abrigado por um biombo japonez, sempre occupado com o pincel. Era sorrindo que nos recebia e nos apertava a mão.

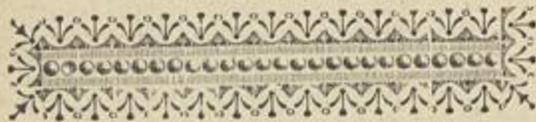
Foram muitos os trabalhos do mallogrado aguarellista, sempre festivamente acolhido em todas as exposições a que concorreu, sendo muito apreciado, entre nós, pelos amadores de aguarella, e, em Madrid, onde os seus trabalhos obtiveram um grande exito.

Hogan era incansavel e o seu desejo de tornar mais conhecida e apreciada a aguarella em Portugal deu origem á formação d'uma sociedade de aguarellistas em Lisboa, semelhante ás que existem em França e na Hespanha. Preparava com grande enthusiasmo a primeira exposição de aguarellas que devia realisar-se na livraria Gomes, quando a morte veiu surprehendel-o nos melhores annos da vida.

O *Gremio Artistico* honrou-lhe a memoria, reunindo na exposição de 1892 um grupo das suas formosas aguarellas, velando de crepes o ultimo trabalho do delicado artista.

O Occidente commemorando ainda a sua prematura perda, publicou no seu ultimo numero do anno passado em supplemento, a reproducção d'uma das lindas aguarellas de Hogan, representando — *Um pagem* — que o seu pincel apontou graciosamente, tocando com maestria sem igual as sedas das roupagens e das colgaduras.

Esta commemoração sympathica avivou as saudades dos velhos amigos de Ricardo Hogan, que sentindo a sua falta como artista sentem igualmente a da sua personalidade attrahente pela delicadeza excepcional e pela bondade.

Ribeiro Arthur.

CHRONICA OCCIDENTAL

A chegada do sr. Hintze Ribeiro a Lisboa, depois de alguns mezes de ausencia pelo estrangeiro, foi o facto culminante d'estes ultimos dias.

Foi uma viagem entre ovações a que o sr. Presidente do Conselho fez desde o Bussaco, onde seus amigos o foram buscar em comboio especial, até á estação do Rocio, onde amigos e partidarios o receberam com muitos vivas. O sr. Presidente do Conselho partiu, logo a seguir, para o Estoril, onde novamente recebeu provas de como é estimado pelo seu caracter e sua intelligencia.

Os chefes dos partidos progressista e regenerador, ambos, por motivo de saude, se viram forçados a uma longa temporada fóra de Portugal e ambos felizmente voltaram, trazendo a seus amigos a convicção de que eram perfeitamente infundados boatos que correram sobre a gravidade de suas doenças.

CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO

Prepara-se um grande jantar que se realisará, segundo se diz, na sala do risco, offerecido ao sr. Hintze Ribeiro, como homenagem de seus amigos politicos e em demonstração de jubilo por seu feliz regresso a Lisboa.

Diz-se tambem que no Porto outro grande jantar será offerecido ao sr. João Franco, quando em seu giro politico pelas provincias do norte, o chefe do novo partido passar por aquella cidade.

Os banquetes estão agora na ordem do dia. Resta saber se deverão ser de boa digestão as com das quando os ouvidos e as intelligencias teem de abrir-se luminosamente para escutar os brindes.

Não creio que as respostas dos srs. Hintze e João Franco ás felicitações dos seus partidarios, sejam de tal ordem que encerrem verdadeiros programmas. Seria coisa cruel na altura em que teem de vir, já depois da classica *dinde au cresson*, que fatalmente fecha os menus do Ferrari e seus rivaes. Entretanto, como o costume é a Agencia Havas falar d'estes discursos obrigados a champagne, como se fossem discursos da corôa, é natural que os differentes oradores inscriptos ou por inscrever-se já andem de ha muito preparando os seus improvisos.

Desde a viagem de El-Rei de Inglaterra, até á ultima visita que fizeram ao Tejo os navios inglezes, esta qualidade de discursos em almoços, lunchs, merendas e jantares, assumiu a maior importancia, maior que a de todas as communicações dos nossos diplomatas.

Seja dito de passagem que ouvir um orador entre o *charlotte russe* e um bocado de gruyère, sempre é mais agradavel do que, a sêcco, n'uma das camaras, ás vezes até com fome, quando a sessão é prorogada.

O banquete offerecido ao sr. Hintze Ribeiro deverá effectuar-se no proximo mez de outubro, segundo consta, devendo os convivas ser em numero de tresentos ou quatrocentos. Assim o partido regenerador tenciona provar sua força em Lisboa e na provincia, d'onde virão muitos convivas, e o sr. Hintze receberá uma prova de quanto é estimado pelos seus correligionarios entre os quaes tantos devotados amigos conta.

A politica pouco ou mesmo nada tem agora dado que falar, visto a fraquissima opposição que está fazendo ao governo o partido progressista, e os regeneradores liberaes se estarem preparando para virem luctar mais tarde.

O tempo tambem pouco favoreceu luctas até fins do mez passado, porque foi abrasadora a temperatura e, com trinta e alguns gráos á sombra, ninguem se resolve a encetar campanhas.

Setembro foi bemvindo por todos os motivos. Logo o thermometro, com a chegada do mez em que o outomno começa, teve a delicadeza de descer o bastante para que tivessemos manhãs, dias e tardes de perfeita delicia.

Até os condemnados a arrastar seus grilhões na cidade, sem dois dias de ferias para gosar um bocadinho de vista de campo ou de mar, se alegraram e perderam aquelle olhar apavorado com que andavam pela rua do Oiro e Rocio, abanando-se com os panamás.

Chega a tarde, e os comboios de Cintra, de Cascaes e das linhas de cintura, os electricos para todos os lados, Algés, Lumiar e Bemfica, se enchem de gente que foge de Lisboa procurando sitio mais alegre.

E' que Lisboa, apesar de sua deliciosa temperatura, está n'uma tristeza de levar ao suicidio todos os melancholicos de mola desarranjada. Na Trindade o *Drama no fundo do mar*, na feira de Belem os espectaculos do costume, no Campo Pequeno uma ou outra toirada quasi sempre muito má, e, a respeito de distracções, entretemo-nos com isto.

Domingo passado, no pavilhão da Real Sociedade Nacional de Horticultura, foi inaugurada a exposição de horticultura, pomologia e alfaias agricolas, sob os auspicios da Sociedade.

A concorrencia foi grande e todos os visitantes ficaram agradados da forma por que os differentes fructos, hortaliças e instrumentos agricolas estavam expostos, admirando-se alguns magnificos exemplares. Chamou muito a attenção a exposição de apicultura, que a todos os portuguezes deve interessar muitissimo. O nosso rotineiro cortiço nada adeantou desde as Georgicas de Virgilio e as poucas abelhas que temos são dizimadas todos os annos pela ignorancia e brutalidade dos nossos apicultores.

E aqui temos o que houve de mais importante na cidade de marmore e de granito, como lhe chamou Alexandre Herculano, já prevendo naturalmente que de granito haveria de ser um dia calçado o Aterro.

Temos de sahir as portas para encontrar seja o que fôr com geito, temos até que ir muito mais longe, talvez até á Macedonia para achar noticias commoventes, se guerras longe ainda commovem alguem.

A esquadra em Lagos e a eleição do papa foram durante parte d'este verão um optimo recurso para jornalistas, que frequentemente, em agosto, dão por paus e por pedras para arranjar assumpto; mas d'esses milagres, n'estes mezes, só o acaso os poude fornecer e o ramerrão manda que no estio tudo descance menos a fantasia dos chronistas.

Só as paixões pouco se importam com a folhinha a o amor e o ciume, um deus e uma furia, continuam fazendo das suas e dando, de quando em vez, aos noticiaristas uma pagina de romance.

Romance realista parece ter sido o acontecimento de ha dias, com o afinador de pianos que desfechou o revolver sobre a amante e depois o virou contra si, mettendo uma bala na cabeça.

Não são talvez interessantes as personagens afóra as duas criancinhas sem culpa, que, orphãs de mãe ha muito pouco tempo, se viram testemunhas e victimas do mau comportamento d'uma mulher que o amor idiota d'um homem introduziu em casa. Mas da acção do drama alguma moralidade póde tirar-se, vistas as consequencias.

Por uma alegria torpe de alguns instantes que lagrimas e que desgraças! Que tragedia a d'aquella criancinha denunciadora das torpezas d'uma mulher a que ella, por ordem d'um pae de intelligencia obscurecida, chamava sua mãe!

Caso de immoralidade vulgar afinal, só notavel pelo desfecho d'esta vez.

O crime atrahe a attenção, sobretudo quando é romanesco, quando se complica com episodios imprevistos, quando o enredo não deixa perceber-lhe as causas e um sem numero de personagens entram na acção, tantos pelo menos como os que Ponson du Terrail recortava em papelinhos que guardava na gaveta.

Por isso foi retumbante o caso de madame Humbert, por isso os jornaes agora procuram com uma certa condessa italiana, burlando companhias de seguros, entreter os seus leitores.

Mas nem todos os balões de ensaio sobem aos ares e se dirigem na atmosphera de modo a assegurar a marcha ao balão maior.

Quando não nos possamos servir com a prata da casa, o pechisbeque lá de fóra pouco nos póde vir em nosso auxilio.

Estamos em setembro, mez em que, muitas vezes, o recurso se torna necessario, sobretudo n'esta Lisboa agora tão solitaria.

Se d'ella sahirmos e formos dar nosso passeio por terras ainda cheias de animação como as Caldas, ou que se vão animando como as praias de banhos, pouco acharemos tambem que preste, afóra algumas noticias do *high-life*: *pic nics* com seus *menus*; *cotillons* primorosamente marmados pela elegante menina F. e illustre sportman sr. G.; talvez um ou outro ajuste de casamento, e muita coisa á bocca pequena que não póde vir em jornaes.

Tudo isso é muito pouco e não ha remedio senão começar indagando o que se espera para o inverno e contar, como um emprezario de barraca de feira, as opulencias com que o inverno nos ha de brindar com bailes, festas, primeiras representações, optimas companhias e modas novas.

Mas até n'isso andamos falhos, que a unica noticia de theatro que anda correndo e interessando é a da empreza do Valle que tomará conta do theatro do Gymnasio d'este outubro a um anno.

D'este outubro a um anno!... E' cedo demais para se fazer fincapé em tal noticia.

Dos outros theatros pouco se sabe por em quanto; mas talvez nos venham a dar noites agradaveis. O Visconde de S. Luiz anda em viagem pelo estrangeiro e elle costuma trazer-nos surprezas.

Sejam tantas e do quilate das do anno passado, nada mais d'elle exigiremos.

João da Camara

AS NOSSAS GRAVURAS

BEIRA

No bello livro, publicado pela Companhia de Moçambique, *O Territorio de Manica e Sofala*, encontra-se uma desenvolvida noticia sobre a ci-

dade da Beira, de que extractamos os seguintes periodos:

«O local onde foi edificada a capital de Manica e Sofala, demóra por 19° 49' 50" Latitude sul e 34° 51' 32" Longitude leste de Greenwich e está situada na margem esquerda do rio Pungue, na sua foz e ao fundo, portanto, da ampla bahia de Massanzane. Antes de chegar á foz, definida pelas Pontas Massique e Gêa, o Pungue corta, na sua margem esquerda, uma especie de braço ou esteiro, o que os inglezes chamam um *tide-river* — um *rio de mares* — orientado quasi norte-sul, e deixando entre a sua margem esquerda e o Pungue uma estreita lingua de areia siliciosa e solta, uma pequena peninsula apenas ligada ao continente pelo seu extremo sul, onde se levantou a alegre povoação de que vimos tratando e que se foi estendendo ao longo da margem do Pungue desde a Ponta Chiveve á Ponta Gêa, n'uma extensão de 3 kilometros e com uma profundidade que nunca vae além de 300 a 400 metros, excepto no Bairro da Ponta Gêa, onde essa largura é maior. Este bairro foi fundado n'outra coroa de areia, como a da Beira, mas voltada ao mar, e separada ainda em parte da primeira por novo esteiro, chamado *Mangal da Ponta Gea*.

Na margem direita do Chiveve, e onde a primeira Companhia de Moçambique estabelecera a sua feitoria, existe um verdadeiro arrabalde de gente de trabalho e de serviçaes indigenas, além de muitos armazens de commercio, de lojas e dos edificios da estação do caminho de ferro e varios outros da companhia.

A Beira foi favorecida pela sua excellente collocação geographica: dispondo d'um amplissimo porto, como é o do Pungue, dando entrada aos grandes navios; tendo, no Chiveve, uma doka natural e com faculdades de conseguir caes acostaveis, é, sobretudo, bem situada em relação a Bulawayo e a Salisbury, as capitaes da Matabelia e da Mashona, isto é, as cidades mais importantes da Rhodezia e da Africa Central.

São taes e tão consideraveis as differenças a favor da Beira — já hoje ligada a Salisbury por um bom caminho de ferro, e nas vesperas de o ser a Guélo, por Salisbury ou por Umtali — que o seu futuro, como testa da linha de penetração para a Rhodezia, parece desafiar todas as competencias e invejas e perfeitamente assegurado, a menos d'uma catastrophe inconcebivel, abraçando a Rhodezia e o proprio Territorio, onde a lucrativa exploração do ouro de Manica póe mais uma fundamentada probabilidade do desenvolvimento proprio da terra d'onde se preside aos destinos de Manica e Sofala.

As ruas da Beira, todas em areia, dão á povoação um aspecto *sui generis*, mas um transito difficil. Todas terraplenadas, de ligeirissimo declive, estendem-se sobretudo, em direcção geral rectilinea, desde um a outro extremo, formando como que uma unica via, que é a arteria principal da povoação. Em muitos sitios a lingua de areia não dava largura para uma só rua e foi preciso aterral-a para a poder continuar, e em parte alguma tem profundidade para mais de 2 ruas parallelas. Os alargamentos contam-se, e além dos terrenos conquistados ao Chiveve pelas obras da *Compagnie du Sud Est Africain* e dos conquistados ao Pungue pelas obras de defeza só ha a citar o chamado Bairro da Ponta Gêa, entre a Avenida D. Amelia e a Avenida Bocage.

As ruas são de largura variavel, havendo avenidas de 20 metros, predominando o typo de 15 metros comprehendidos os passeios, mas existindo tambem algumas outras de 10 metros de largo e ainda menos. Muitas das travessas não ultrapassam 6 metros.

Como se vê da sua planta, a povoação apresenta um delineamento regular e geometrico, se exceptuarmos o chamado bairro da Alfandega, formado por más barracas e por ruas estreitas, de implantação caprichosa, bairro que representa a Beira primitiva.

Justo é dizer-se que, áparte alguns pequenos senões, desde 1893 que está estudada cuidadosamente a planta da povoação e indicado as suas principaes ruas e bairros.

Como de certo se comprehende á primeira vista, a Beira dos primeiros tempos era muito differente da Beira de hoje. Quando a Companhia d'ella tomou posse, não passava de barracas irregulares e acanhadas, que iam da Alfandega á praça de Luiz Ignacio, onde ainda hoje se póde notar a precipitação e a falta de methodo dos seus primeiros habitantes.

Mas de 1892 em deante, começou-se logo a estender a povoação, rectificando a planta, abrindo novas ruas, cortando densissima vegetação, etc. De anno para anno se foi accentuando a extensão da capital na direcção do sul, entre o Pungue e o Chiveve, alcançando em fins de 1896 o principio da Avenida D. Carlos.

Em 1897 se começou a rasgar o bairro da Ponta Gêa. Continuou-se activamente em 1898, durante o qual já se começou a edificação no novo bairro e, ao mesmo tempo, foram-se aterrando ruas antigas, abertas no lodo ou *matope* do pantano marginal do Chiveve.

Se nos annos seguintes não houve tantos trabalhos d'este genero e se a povoação estacionou, assim se póde dizer, no tamanho, nem por isso se deixou de estudar o seu provavel e conveniente alongamento, ao longo da margem da bahia, desde a Ponta Gêa em direcção á Ponta Macuti e povoação do Motundo, por meio de 2 largas avenidas, cuja boa exposição aos ventos marinhos dominantes lhes garante futuro e, ao mesmo tempo, um accrescimo de bem estar aos habitantes da Beira.

Quasi todas as ruas indicadas na planta, estão abertas e trazidas no nivel geral, poucas sendo as que só consistam na côrte do mangal que as vestia.

Das praças e largos que figuram na planta da Beira, só existem, realmente, a do Principe Real, a do Conselheiro Almeida e a de Luiz Ignacio.

Estas duas ultimas estão muito proximas uma da outra, pelo que se tem pensado em aproveitar a Praça Luiz Ignacio para n'ella se construir o edificio destinado ás repartições da Beira.

Quasi todas as ruas e praças teem nomes escolhidos entre os das pessoas que concorreram para os primeiros trabalhos da installação da cidade.»

CORONEL JOSÉ CELESTINO DA SILVA

CORONEL JOSÉ CELESTINO DA SILVA

Dando hoje o retrato do governador de Timor, o sr. conselheiro Celestino da Silva, temos em mira prestar homenagem que ha muito estamos devendo ao distincto e esforçado militar, aproveitando o ensejo da sua visita á metropole e em vesperas de regressar áquella provincia.

O conselheiro Celestino da Silva, sabem-no todos é um caracter honestissimo e digno da profunda veneração que em Timor lhe consagram. Pertence ao numero dos raros que nas nossas provincias ultramarinas não tem esquecido os interesses do paiz para só cuidarem dos seus interesses pessoaes, e por isso, os nove annos que conta como governador d'aquella provincia representam um alto beneficio por elle prestado ao engrandecimento do seu commercio e agricultura.

Quando o illustre militar, em 1894, assumiu o governo de Timor era a situação da provincia das mais embaraçosas. A miseria promovida pelo abandono em que as anteriores administrações traziam todos os ramos do serviço publico, e a indisciplina que lavrava na maior parte d'aquella colonia, em completo estado de rebeldia, não podiam deixar de reflectir-se poderosamente na decadencia da agricultura fonte de riqueza de Timor.

A isto devemos ainda juntar o pessimo estado sanitario em que se encontrava a provincia, cercada de pantanos estando a mesma pouca agua potavel para o consumo publico, inquinada pelas aguas dos pantanos.

As ruas, na estação das chuvas, eram intransitaveis, as casas insalubres e a alimentação detestavel.

Tal era o negro quadro que Timor apresentava quando o conselheiro José Celestino da Silva assumiu a administração da provincia.

Outro qualquer teria recuado, pois seriam precisos grandes esforços congregar poderosos elementos para attenuar este estado de cousas que se apresentava com caracter de tão terrivel gravidade.

Traçou o seu plano e trabalhou para o bom exito d'elle.

Durante tres annos, 1894 a 1897 a lucta do novo governador foi tenacissima, mas graças á sua energia, os povos readquiriram a tranquillidade com a submissão do estado indigena de Ulmerae toda a região dos Calades ha muito em rebeldia, e, podendo-se aproveitar então esta circumstancia abriram-se novos caminhos para o interior sendo estabelecidas auctoridades em muitos pontos onde o nosso prestigio quasi tinha desapparecido.

Em 1898 foi levantada a carta de fronteira, sendo o sr. conselheiro Celestino da Silva, nomeado para esses trabalhos na qualidade de commissario régio.

N'este anno ainda conseguiu o governador de Timor submetter os povos de Cássa, Lausso e Ossukae e remediar com os recursos de que podia dispôr os estragos causados pelo tufão de Cailaço, Atabái e Linneau.

Um dos actos politicos que maior impulso deu á prosperidade da provincia foi a sua autonomia.

Esse acto, que convem dizel-o, não foi solicitado pelo sr. conselheiro Celestino da Siva, mas uma resultante das difficuldades que o governo provincial punha á realisação dos planos do governador de Timor, opposição que se não justificava, nasceu da convicção em que estavam as regiões superiores de que o governo de Macau não podia bem administrar um districto á distancia de seiscentas leguas.

E assim livre o benemerito governador da opposição que encontrava aos seus esforços, podendo usar livremente da sua iniciativa, desenvolver com maior amplitude o plano que tinha concebido para o engrandecimento de Timor os resultados não se fizeram esperar.

Começou por estabelecer carreiras regulares entre a colonia, Hong-Kong, Macau e outros portos da China e da Australia.

Abriu novos mercados no estrangeiro afim de crear receitas e desenvolver o commercio e a agricultura.

Estabeleceu na colonia a auctoridade portugueza em condições de poder mais dignamente sustentar o prestigio da nossa bandeira a coberto de fortuitos desacatos.

Creou a posta interna.

Ligou as principaes localidades com uma rêde telephonica.

Dotou a capital com magnificas aguas potaveis, exploradas na montanha a mais de 5 kilometros, e conduzidas em tubagem de ferro.

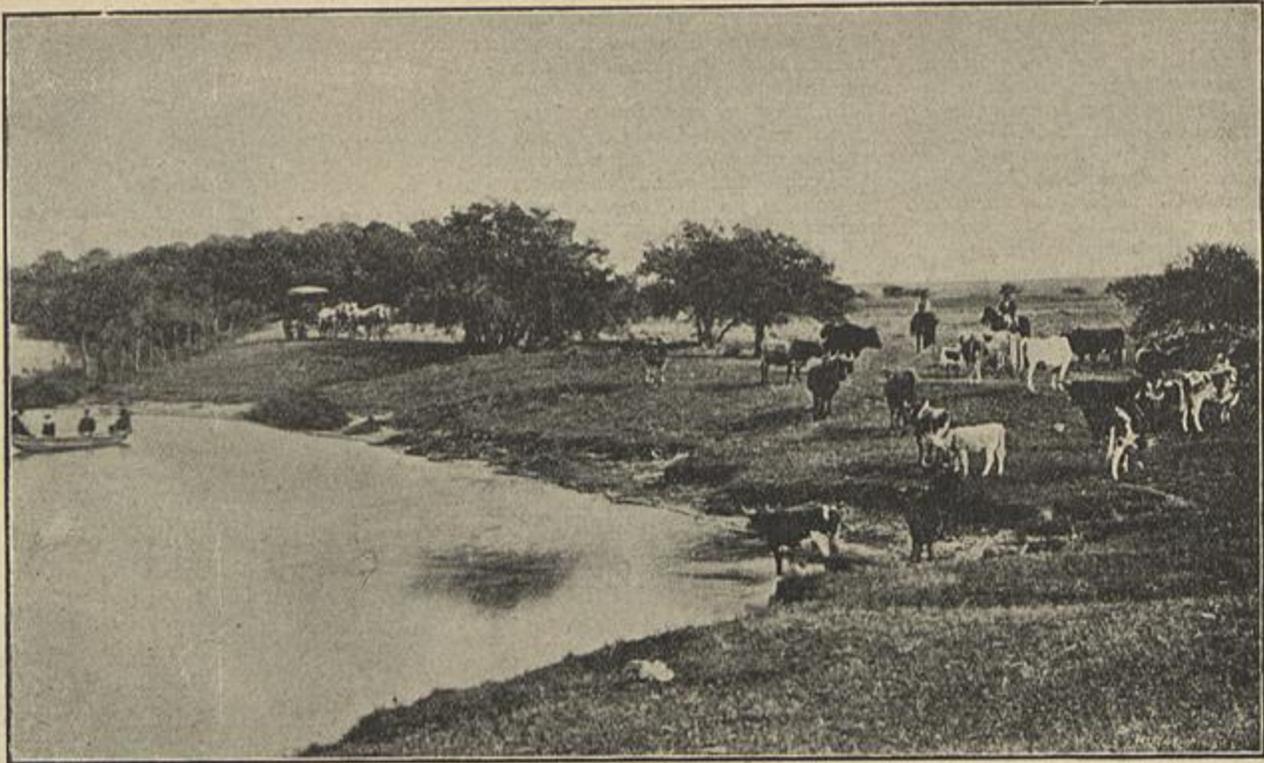
Estabeleceu carreiras regulares com barcos de cabotagem entre os diversos portos da colonia.

Promoveu o estabelecimento de emprezas agricolas.

Emfim animou os capitaes até então retrahidos.

Tudo isto deve Timor ao sr. conselheiro José Celestino da Silva, isto é deve-lhe o seu engrandecimento, a sua prosperidade e a sua riqueza e sobretudo relativos progressos no saneamento da provincia.

No seu regresso áquella provincia aguardam o benemerito governador pomposas festas em que todos á porfia procuram manifestar a gratidão e a estima que por elle professam.

R.

«Os animaes que dormem ou pastam pachorrentamente, destacam-se sobre a relva verde e fresca»

FESTA DA TRINDADE

A benção do gado no Alemtejo

O céo muito azul, o ar purissimo, um sol forte e radiante, para melhor se apreciar a frescura das sombras, um dia resplandecente, que até aos recantos escuros communica uma vibração luminosa, emfim dia lindo, dia de festa no campo.

E' o da benção do gado.

A natureza á celebrar a festa da Trindade, juntando a sua alegria á do povo e as suas galas ás côres garridas dos vestidos das mulheres e das cintas encarnadas dos homens.

Tudo estremece de animação e vida. Os lavradores passeiam pela estrada, deitando, para um e outro lado, olhares de orgulho e ufania sobre o gado, que se estende, a perder de vista, por entre as azinheiras.

As arvores, a trasbordar de seiva e força, espalham as manchas escuras de sua sombra. Os animaes, que dormem ou pastam pachorrentamente, destacam-se sobre a relva verde e fresca.

Ouve-se no ar um sussurro estrondoso, um eccoar de mil sons diversos, feito de risos, de gritos das mulheres que exageram o susto, porque um boi se levantou, quando passavam; ouvem-se altercações, retalhos de conversas; passa a garotada a correr, fazendo algazarra. Junta-se o berrar monótono e repetido das vaccas, o balir tremido e manso das ovelhas, o relinchar do cavallo, em que passa um lavrador todo soberbo. Interminavelmente zurra um pobre burro atado a uma arvore, e mais além, por detraz d'um casebre, rompem côro de queixumes estridentes os porcos. E os chocalhos, as guizeiras dos carros fazem um acompanhamento constante, que harmoniza tanto ruido differente.

Augmenta a vozearia; ha uma debandada geral, desordenada e alegre; repicam os sinos. Sahiu da egrejita da aldeia o padre com a cruz, ladeado por sacristães de capas vermelhas; leva um d'elles a caldeirinha com a agua benta.

Correm todos á procura do melhor logar, mais perto do padre, para assistirem ao desfilar dos rebanhos; ou sobem a um outeiro, para abranger o espectaculo n'um golpe de vista.

De repente todo o barulho é coberto por um ruido unisono, immenso como os arrancos do mar, sonoro e metallico como o de um sino de festa. E o som vem-se aproximando, dando-nos a impressão de que rola até nós. E' um rebanho de cabras, rebanho collossal, que chêga á ultima hora, e avança pela estrada como uma grande nodoa escura, e precedido do som vibrante dos immensos e desmedidos chocalhos, que os pastores puzeram ao pescoço dos animaes.

O padre chegou ao local escolhido para a benção; os homens tiram os chapéos; formam-se alas para a passagem do gado.

Avançam primeiro as vaccas e os bois, os toiros de cabeça baixa e soprando enraivecidos.

A seguir passam os cavallos e as eguas acompanhadas pelos poldritos assustadiços e desageitados.

Depois, as cabras e as ovelhas, acompanhadas do chocalhar do cobre. Quando alguma tenta escapar-se ou retroceder, os moços que as guardam, correm de largo até lhes tomar a deanteira, e, com pulos desengonçados e grandes gritos, levam-nas para o rebanho.

No fim vão os porcos, rasteiros e luzidios, lançando sempre um grunhido lamentoso.

E ao desfilar dos animaes, a cruz ergue-se doce e serena, e o hyssope abaixa-se n'um momento grave e pausado, espargindo a agua benta.

No coração dos lavradores entra a confiança e a esperança d'um bom anno. As mulheres calam-se commovidas, e a natureza como que socega n'um grande recolhimento.

. . . .

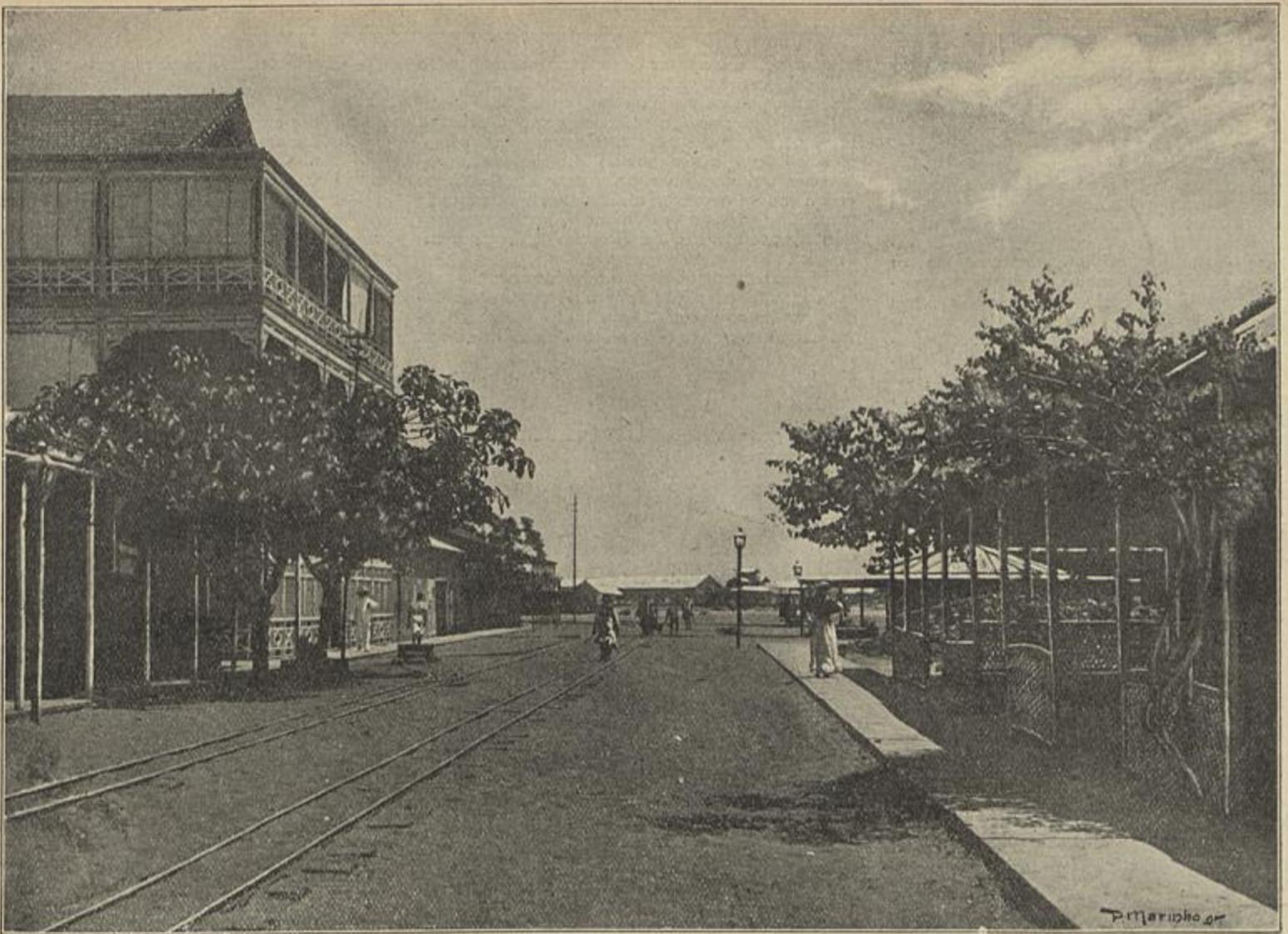
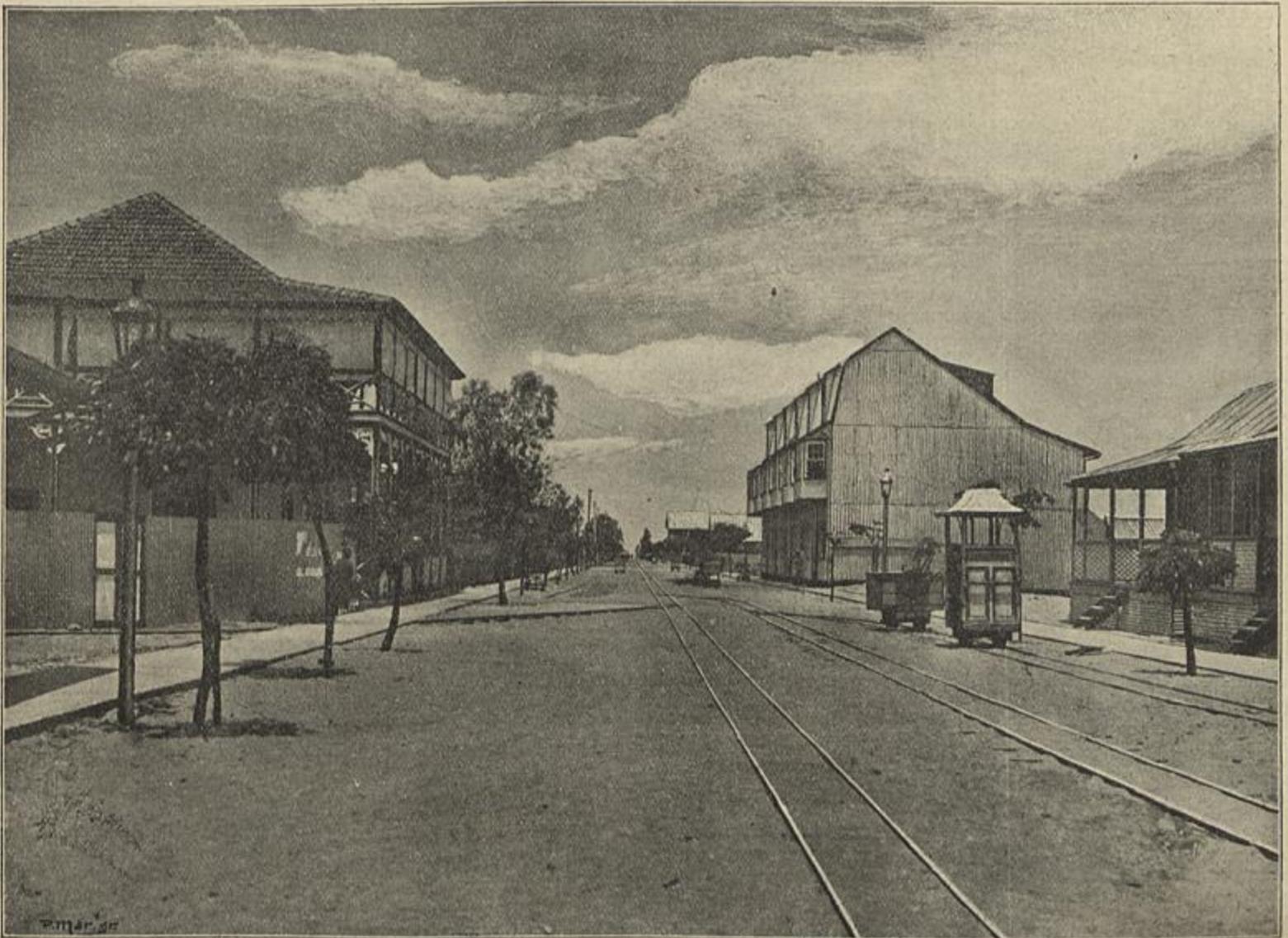
A ceremonia findou. De novo se movem todos, alegres e barulhentos.

Conversam e discutem acaloradamente, emquanto o sino não repica outra vez, a chamar para a missa. Depois, lá entram para a egreja, as mulheres todas tafulas, sacudindo as saias, e os homens, de jaleca e cinta, olhando-as conquistadores.

E as mãos do padre estendem-se sobre todas as cabeças inclinadas, espalhando pelas almas a paz n'uma benção consoladora.

Abrunheira, Junho de 1903.

E. Jardim.

«De novo se movem todos, alegres e barulhentos.»

BEIRA — RUA DO CONSELHEIRO CASTILHO

BEIRA — AVENIDA DE D. CARLOS

A NOVA EXPEDIÇÃO CHARCOT

No ultimo numero d'esta revista, fizemos scientes os nossos leitores dos resultados scientificos obtidos pelo principe Luiz de Saboya, e já hoje, temos de nos occupar de uma nova expedição ás regiões polares dirigidas pelo dr. João Charcot e de que fazem parte, o commandante de Gerlache, nome assás conhecido por todos os que se interessam por este assumpto, pois que, ha pouco, tentou explorar as regiões antarcticas a bordo do *Belgica*, o dr. Barnier director do laboratorio de zoologia maritima de Wimereux, mais dois especialistas n'este ramo de sciencia, os srs. Zimmermann e Perez, o engenheiro Pleneau, e dois officiaes de marinha. A equipagem consta de 13 homens, comprehendidos n'estes, um guia alpino, entidades quasi sempre escolhidas para estas viagens, pois teem muita experiencia nas excursões sobre os gelos.

DR. JOÃO CHARCOT

No dia da Assumpção, o navio *Le Français*, onde embarcou toda a expedição, deveria ser lançado ao mar, no Havre, e para isso foi rebocado pelo *Abeille n.º 8*. Na occasião do lançamento, grandes manifestações de regosijo foram feitas a todos os que se iam arriscar ás intemperies dos climas antarcticos.

O navio foi construido nos estaleiros Gautier em St. Malo. Tem trezentas tonneladas e é reforçado na linha do nivel d'agua, com o fim de poder resistir á pressão que os gelos offerecem nas regiões a que o navio se destinava. Uma machina auxiliar de 240 cavallos, permitte que o lugre navegue a vapor, desde que seja necessario servirem-se da tracção a vapor.

O destino não quiz, porém, que a expedição tivesse o inicio de sua viagem n'esse dia, pois que na occasião do navio ter largado as amarras, um accidente imprevisto fez com que elle recolhesse de novo aos estaleiros, addiando-se a partida para mais tarde, afim do lugre poder supportar as reparações necessarias para o fim a que elle se destinava.

Finalmente em 30 de agosto teve lugar, a partida, sem incidente de maior monta, da expedição que tem por fim explorar as regiões desconhecidas do polo antarctico.

A ideia primitiva do dr. Charcot era partir para o norte, porém, circumstancias o forçaram a tomar a direcção opposta d'aquella que previamente tinha premeditado.

O plano do illustre explorador é dirigir-se até á terra de Alexandre I, no Polo Sul, região que os inglezes já começam invadindo do lado da terra Victoria, os allemães pela terra d'Enderby, os escosseses pela terra de Weddel e os suecos pelo estreito de Grelache.

Aproveitando o ensejo de se encontrarem n'essas regiões, pretendem egualmente salvar de um perigo imminente, a missão do grande commandante sueco Olto Nordenskgold.

E' de crêr que os resultados obtidos pela expedição sejam coroados do melhor exito, pois que o nome de Charcot é já bastante considerado. Charcot é nada menos do que filho do sabio do mesmo nome, e apesar de moço, a sua dedicação pela sciencia tem feito com que elle, já hoje, possua um nome universalmente conhecido.

Demais já não é a primeira vez que Charcot tenta estas viagens, pois varias vezes se tem dirigido ao polo arctico, tendo obtido das suas excursões um resultado muito satisfatorio. D'esta vez, a sua mira attinge mais longe, pois pretende ir além de todos os pontos de que os geographos tem conhecimentos, na direcção das regiões antarcticas.

Os seus companheiros, individuos egualmente experimentados n'este genero de viagens arrojadas, certamente o auxiliarão tanto quanto possivel na sua tentativa tão perigosa como arriscada.

Antonio A. O. Machado.

O SEGREDO DE CLOTILDE

(Continuado do n.º 888)

O pae, velho patuleia e procurador encartado, quizera fazer do filho um doutor que lhe advogasse as causas, ficando assim tudo em casa; mas viu, desconsoladamente, passarem-se annos e annos antes que chegasse o dia de lhe confiar o primeiro processo.

Finalmente esse dia chegou, e o bom do Pires, cheio de confiança na sciencia do filho, que tão boas libras lhe custára, logo lhe arranjou um cliente para elle se estreiar n'um processo de divorcio um tanto intrincado.

E para que lhe serviriam os doze annos de Coimbra?! pensou o pae.

Mas com surpreza viu que o filho em vez de fazer o libello, fazia visitas á prima Clotilde, andando muito embebido em leituras que não eram as dos codigos.

Que doidice seria aquella! O velho Pires até chegou a pensar se o filho andaria assim em estudo pratico para melhor formar o libello. Quem sabe? Processos novos, como agora se dizia, nas sciencias e em tudo, o realismo. Talvez assim fosse bem; talvez. O certo é que o dr. Pires passava o melhor dos dias em casa da prima. Até lá jantára duas vezes e n'aquelle dia, se não jantou, foi porque elle sahiu mais cedo e Alfredo voltou mais tarde.

V

Quando Alfredo chegou a casa, sua mulher, parece que, esquecida da scena da manhã, foi-lhe ao encontro.

—Pensei que não jantavas hoje comigo?

—Não seria de admirar, visto que almocei só respondeu-lhe Alfredo, com secura.

O criadinho bisbilhotara-lhe á porta, que estivera lá o primo doutor.

—Ainda muito zangadinho? interrogou meigamente Clotilde.

Alfredo embezerrou mais e declarou que queria o jantar na mesa.

—Sim, venha o jantar, repetiu Clotilde. Estou com apetite, porque não almocei nada.

Alfredo olhou-a de sobrecênho e ironicamente disse:

—Foi a minha falta.

—Seria; não estou costumada, soltou ella, como um queixume.

—Mas has de costumar-te, sentenciou elle imperiosamente.

—A gente a tudo se habitua, disse Clotilde com amargura, deixando cahir a colher no prato.

O jantar não ia melhor do que o almoço, e Alfredo reparou com um certo prazer, que sua mulher, não comia; mas a elle tambem lhe fugira o apetite, e Clotilde notando isso, observou-lhe carinhosamente que comesse, que não estivesse zangado, porque não tinha motivo, antes pelo contrario iria ter provas de quanto era sua amiga.

Alfredo, cada vez mais intrigado, procurou disfarçar o ciume que o mordia, e quanto possivel naturalmente perguntou:

—Esteve cá o dr. Pires?

—Esteve sim, respondeu Clotilde com vivacidade. Pouco depois de tu sahires veio elle, e se tivesses vindo mais cedo ainda cá o encontravas

Um caso assim era estupendo, considerou Alfredo, e fazendo um esforço heroico sobre si mesmo.

—Pois tenho pena de o não encontrar...

—Estivemos no gabinete mais de tres horas que nem sei como o tempo se passou.

Era inaudito. Alfredo precisou de toda a sua força para não explodir.

Clotilde continuou.

—Não ha nada como os livros para nos esquecermos de tudo o mais.

—Pelo que dizes andas interessada em grandes leituras; atalhou Alfredo com mal repremida colera.

—Não queres que leia? aventurou ella submissa, vendo que seu marido se encolerisava.

Elle quedou-se. Clotilde continuou.

Cada vez admiro mais os livros porque vejo que devem custar muito a fazer. Eu e o primo andamos ha que dias n'um trabalho que nos tem moido a cabeça.

—E' então trabalho muito custoso; interrompeu Alfredo com ironia.

—E', mas fica bom, completou Clotilde com orgulho.

A paciencia tem limites, e Alfredo, levantando-se da mesa n'um impeto, intimou sua mulher para que lhe dissesse tudo.

—Por Deus não me obrigues a revelar-te o segredo que tanto me vae custando a guardar, ainda que por poucas horas, supplicou.

Amargurado correu o jantar, que breve terminou, no meio de profundo silencio e do espanto da criada, que, pela primeira vez, viu seus amos com tão pouco apetite.

O que havia de cá vir fazer o tal primo doutor! commentou ella pará comsigo.

VI

O dia seguinte amanheceu turvo, ennuveado como manhã de maio que era, apesar d'isso os passaritos chilreavam nas arvores que, balouçando seus ramos levemente agitados pelo vento, vinham beijar as janellas da casinha da Estephania.

Clotilde, que pouco dormira aquella noite, a pensar no mau humor de seu marido e na surpreza que lhe reservava, foi a primeira a levantar-se n'aquella casa, que até a Joanna creada se admirou e disse lá para comsigo: se isto dura muitos dias, vou-me embora porque não estou para madrugadas.

A ama principiou logo a dar ordens e, ainda não tinham soado as seis horas, já a Joanna e o criadinho carregados de cabazes e alcofas, calcurriavam até á Praça da Figueira a fazer compras para o jantar d'aquelle dia.

Cedo é que as coisas se fazem, pensava Clotilde, e ainda que isso não fosse o seu habito, n'aquelle dia a necessidade impunha-se. Ella tinha que fazer os doces, dirigir o jantar e prover ás faltas do criadinho industriando-o no serviço da meza, que os fundos iam um tanto por baixo e não permittiam mais largas despezas com creados e pastelaria.

Já tinha preparado o leite créme quando se lembrou de ir vêr se Alfredo ainda repousava. Se lhe levasse um piresinho de dôce como o primeiro mimo d'aquelle dia? Talvez assim lhe dissipasse a zanga... Elle era tão golozo...

Cautelosamente entrou no quarto e approximou-se da cama, com um sorriso nos labios e o pires de dôce nas mãos; mas Alfredo, de olhos fechados parecia entregue ao mais profundo somno, e dizemos parecia, porque em verdade elle estava bem disperto, e até ali da cama, de ouvido á escuta, tinha dado por quanto se passava em casa desde que sua mulher se levantara.

Muito de proposito fingira dormir quando sentiu approximar-se Clotilde, e ainda que lhe custasse, presistiu no fingimento, apesar d'ella tentar acordal-o com um leve beijo que lhe deu.

Clotilde retirou-se desconsolada, ainda mais por lhe parecer pouco provavel que seu marido effectivamente dormisse.

Mas, emfim, isso já era bom symptoma. A zanga de Alfredo não seria tão violenta que lhe perturbasse a razão; se não lhe tirava o somno é porque lhe não dava cuidado; e se fingia dormir era para fazer pirraça a sua mulher, para a contrariar e assim tirar uma vingançasinha de ella não lhe revelar o tal segredo.

A segunda hypothese era a que mais convinha a Clotilde e por isso ella a acceitou de melhor grado pensando: era um arrufo como outros que tiveram quando se namoravam e que só serviram para depois mais se amarem ainda.

Talvez assim fosse, porque no espirito de Alfredo levantavam-se tantas duvidas que cada vez o tornavam mais irresoluto sobre o que fazer.

Elle não sabia explicar como sua mulher o ro-

deava de tantas caricias, ao mesmo tempo que o turturava com a reserva de um segredo que não havia arrancar-lhe. Para lhe acalmar a impaciencia restava-lhe a idéa de que essa reserva seria de poucas horas, segundo lhe declarara Clotilde, e então dominava-se, conservando-se n'uma duvida que não lhe desagradava e em que, antes queria vêr sua mulher innocente do que criminosa.

Resolveu continuar na espectativa.

Alfredo levantou-se mais tarde do que o costume, apesar de sua mulher ter ido ao quarto por varias vezes vêr se elle estava disperto, mas da ultima vez ella dera-lhe um beijo mais demorado e elle não teve remedio que dispertar e corresponder com um monosyllabo de estremunhado aos parabens de Clotilde.

Ao almoço nem palavra, apesar de Clotilde, por vezes, tentar interromper o silencio, gabando os assepipes que mandara fazer de proposito para seu marido. Elle, porém, mostrou-se impassivel, não sem ir comendo muito rasoavelmente, porque o estomago não estava para mais abstinencias.

Clotilde ia observando com prazer o bom apetite do marido e só a contrariava o seu silencio.

Se assim estivesse ao jantar era uma semsaboria. O que pensariam as visitas, a familia, o primo doutor; e ella que tanto se empenhara para uma festa, alegre, onde não faltasse animação, brindes discursados com eloquencia e até poesia, que adorava e tinha para si como coisa obrigada em jantar d'annos. Que delicioso; as musas a pairar por sobre o festim, quando o *champagne* espuma e os convivas expandem em ternissimas saudes de quem tem o estomago repleto e o coração á larga.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

O MEZ METEOROLOGICO

Agosto 1903

Barometro: Altura maxima 767^{mm},4 em 16 e 17.
» » minima 762^{mm},0 em 7 e 14.

Em 23, a pressão attingiu 767,^{mm}0, e em 25, 766,^{mm}1.

Durante o mez, foi notado quasi sempre, um grande estacionamento barometrico.

Thermometro: Maxima, 37,°2 em 31.
» Minima, 15,°3 em 16.

Até 25, a temperatura conservou-se quasi egual á normal, subindo acima de 30,° sómente nos dias 1 (max. 31,°6) e 6 (31,°0), porém a partir d'esse dia, o calor tornou-se tropical, sendo as maximas:

Em 26, 30,°5; em 27, 32,°0; em 28, 36,°0; em 29, 33,°6; em 30, 32,°9; e em 31, 37,°2.

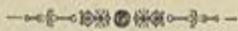
Ventos dominantes:

SW em 1, *E* em 2, *N* em 3, *SE* de 4 a 7, *NW* até 12, *SW* em 13 e 14, *N* de 15 a 20, *SW* em 21, *N* até 25, e *NE* de 26 a 31.

Chuvas: Em 15, o pluviometro accusou 1,^{mm}8 de chuva.

Estado do céu:

Bom tempo 26 dias. Nublado 4 dias. Encoberto 1 dia.

Relampagos em 21 e 30.

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Séronille na conhecida revista da especialidade publica um interessante artigo sobre, qual a melhor fórma de revelar um cliché.

O revelador que elle recommenda como o mais pratico é o seguinte:

A Deite n'um frasco:

Acido salycilico......	1,5 gramma
Agua fervida........	1000,^{3}
Pyrogallol...........	20 grammas

B E n'outro frasco:

Hyppo-Sulphito de soda....9.........	100 grammas
Agua.................	1000,^{3}
Brometo de Potassio.	2 grammas
Carbonato de soda...	100 grammas

Para os clichés typos, n'uma chapa 13 × 18, pose incerta, deitar-se-ha n'uma cuvette 80,^{3} centimetros da solução *A*, e 5,^{3} centimetros de *B*, e agita-se. Se no fim de 1 minuto de immersão a imagem não apparece, juntar-se-ha solução de mais 5,^{3} centimetros de *B*. Só se retira o cliché da cuvette quando os menores detalhes estiverem bem accentuados.

Para obter os nevoeiros, forçar-se-ha a dóse da solução *B*, o que dá ao cliché, um véu muito ligeiro que accentua o effeito desejado. E' necessario, n'este caso, não demorar a revelação.

Para as *nuvens* e *ceus*, junte-se pequena porção da solução *B*, a *A* de fórma que só se revele o céu, e em seguida deite-se na cuvette eguaes quantidades de *A* e *B*, continuando a revelação.

Nos instantaneos, a quantidade a empregar de *A* e *B* é egual, diluidos em egual quantidade de agua, o que reduz a metade a sua força.

Recebemos e agradecemos:

Terceiro livro de contos de fadas, (dos Irmãos (Grimm) traduzidos por Henrique Marques Junior. — Lisboa. — Livraria Moderna. — 1903.

O leitor do Occidente conhece já alguns d'estes singelos e formosos contos que o traductor, sr. Henrique Marques Junior, um espirito mui novo ainda, no qual se casam a candura e ingenuidade infantís, vae colligindo em apaixonado amor. O que ha de mais delicado e mais maravilhoso n'estes adoraveis contos phantasticos, que as creanças adoram, devido ás pennas tão artisticas de Derrault e dos Irmãos Grimm, vae o sr Henrique Marques Junior transportando, em linguagem simples e correcta, á lingua portugueza, creando n'esta serie de livrinhos, a que deu o nome de *Bibliotheca das creanças*, um repositorio precioso para nossos filhos. O exito da venda dos livrinhos, tem correspondido ao acrisolado amor com que elles foram colligidos. Este, que é já o terceiro, vem prefaciado pelo nosso illustre e erudito homem de lettras sr. dr. Sousa Viterbo, empolgado ao presente pelas garras crueis de uma cegueira atroz, mas sempre trabalhando, aconselhando e animando os que luctam nas campanhas das lettras. No espirito de artista do sr. dr. Sousa Viterbo, os pequeninos contos de Grimm, traduzidos na formosa edição minuscula, e recolhidos n'este terceiro volume, acordaram as saudades, a evocação poetica da sua meninice. O mesmo succede a quantos os lêem. Diz o erudicto e sapiente prefactor:

«Nas longas noites de inverno, quando o vento e a chuva orchestravam lá fóra a symphonia da tempestade, nós os pequenitos, á luz mortiça de uma candeia de azeite ou de uma vela de cebo adaptada n'um castiçal de latão, formavam circulo em volta da creada, uma boa aldeã, que nos contava com toda a sua ingenua rudeza as tradições, que as pastorinhas suas companheiras, lhe haviam transmittido. Com que indizivel commoção e com que insaciavel curiosidade nós seguiamos todos os episodios d'esse folhetim falado, interrompendo de vez em quando com alguma pergunta indiscreta para esclarecer algum ponto que não tinham percebido bem, ou que, pela sua extravagancia ou extraordinario maravilhoso, mais nos havia surprehendido!»

Os contos de Grimm tem o condão de evocar as recordações saudosas dos felizes tempos da meninice, aos adultos, e constituem a mais ineffavel delicia dos espiritos infantís. Assim o comprehendeu a alma bôa, ingenua e simples do prestimoso traductor; a dedicatoria simples com que elle offerta o livro a sua irmãsinha pequenina, diz-nos muito da sua excellente indole e optimas intenções; creança ainda, apesar da idade, o sr. Henrique Marques Junior, apaixonou-se por estes primores da litteratura infantil, cuja moralidade e singeleza acham echo no seu espirito, e dá-nos d'este modo provas cabaes da sua cultura intellectual e excellente orientação litteraria, bebida nos exemplos paternos, mas aproveitada com devoção filial, docil e dgina do maior elogio.

Bem merece quem faz tão excellente uso de umas horas de adolescencia por muitos.

Agosto 1903. *V. Ribeiro.*

O Gafanhoto. — Continua tendo uma recepção brilhante este quinzenario illustrado para creanças, editado pela livraria Ferin, e de que são distinctos directores os srs. Henrique Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro.

Cada numero que se succede é uma affirmação do seu bom gosto na escolha dos assumptos e das illustrações deveras apropriadas para captarem as sympathias dos pequeninos leitores a quem *O Gafanhoto* é dedicado.

A assignatura é feita na Livraria Ferin, 70, Rua Nova do Almada, 74, custando por trimestre 450 réis, por semestre 800 réis e por anno 1$500.

Cada numero consta de oito paginas de leitura divertida e instructiva, com illustrações numerosas a côres e a preto.

Um verdadeiro encanto para as creanças.

A Voz de Santo Antonio — Revista mensal illustrada — 9.º anno — abril 1903 — Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII pelo Ex.^{mo} ordinario e varios prelados. Redacção e administração, Braga. Editor D. J. de Sousa Gomes.

Temos presente o n.º 4 da 5.ª serie d'esta interessante revista catholica cujo summario é o seguinte: Pão de Santo Antonio pelo sr. General Gorjão. *Secção Doutrinal:* A Caridade — S. Pascoal Bailão — Espirito de Penitencia — Indulgencias, etc. *Secção historica:* Uma familia christã — Pensamentos — Anedoctas. *Leituras amenas:* O Alforge do diabo. *Culto de Santo Antonio:* O pão de Santo Antonio em Braga — Santo Thyrso — Coimbra — Montes (Thomar) Rezende — Vinhaes — Barcellos — India Ingleza — Ouro Preto (Brasil). Recommendações — Os nossos defuntos.

Secção scientifica litteraria insere varios artigos litterarios de grande valor, completando ainda este numero, a secção *chronica Universal* e publicando as gravuras do retrato do sr. General Gorjão, S. Pascoal — Primavera e Ascensão.

Açores America. — Recebemos mais os n.^{os} 8 e 9 d'este semanario illustrado que se publica em Cambridge e que é propriedade da cooperativa Açores America

Estes 2 n.^{os} publicam as seguintes illustrações:

O dr Luiz de Bettencourt; o espachelo do cacholote (no porto das capellas em S. Miguel); Egreja de St.º Antonio em Louvell; Ribeiro do Barqueiro (panorama florentino); A cidade de Angra.

Aguas de Vidago. — *Estação de 1903 por Antonio Firmo d'Azevedo Antas, director clinico do estabelecimento. — Officinas do «Commercio do Porto, Porto. 1903.*

No começo da presente monographia declara o distincto clinico sr. Azevedo Antas que apenas era sua intenção publicar a estatistica das doenças, em Vidago, tratadas no anno findo, e acompanhal-a, a proposito, de algumas observações clinicas, que mais especialmente comprovassem a excellencia d'estas aguas. Reflectiu depois que nem completo ficaria o seu trabalho, nem satisfeitos os seus intuitos, se não elucidasse os leitores sobre a natureza e propriedades, attribuidas a um agente therapeutico de tamanha valia. Mas, sendo curto o espaço d'um anno insufficiente para tratar, com profundezas, em variadas e complexas questões de hydrologia, limitou-se o auctor a apresentar este opusculo, como despretencioso programma de futuras investigações e de posteriores estudos, de mais folego.

Divide-se o livro em duas partes, a primeira trata da *Estação, As fontes e suas aguas;* a segunda abrange *Considerações physiologicas, indicações therapeuticas e algumas observações clinicas, estatistica, a cura alcalina em Vidago.*

Todos estes capitulos são suggestivamente tratados; lendo-se com agrado, desde a historia do descobrimento das aguas até ás observações em numero de 22, algumas bem interessantes.

P. Thomaz José de Aquino *seu testamento e outros pormenores. — Respiga de varias notas por Gomes de Brito. Lisboa. — A Liberal. — Officina typographica. — Rua de S. Paulo, 216. — 1903.* Fomos mimoseados pelo auctor e nosso presado amigo e collaborador sr. Gomes de Brito, com um exemplar d'este opusculo, que não é destinado á venda, e que por isso mais obriga ao nosso reconhecimento.

No seu constante empenho de descobrir documentos para a historia litteraria e artistica do nosso paiz, o sr. Gomes de Brito trouxe agora para a publicidade o testamento do Padre Thomaz José de Aquino, o editor das *Obras de Luiz de Camões* em 1779 e 1782, e conjunctamente outras investigações que esclarecem sobre a naturalidade e nascimento do mencionado editor, que Innocencio da Silva, se lamenta não ter encontrado, quando, no seu *Diccionario Bibliographico*, dá noticia do Padre Thomaz José de Aquino.

Com este curioso opusculo celebrou o sr. Gomes de Brito o 323.º anniversario da morte de Camões que passou no dia 10 de junho d'este anno.

A Arte Musical — *Revista publicada quinzenalmente. — Anno V — Redactor principal e editor, Ernesto Vieira — Proprietario e director Michel'angelo Lambertini.*

Esta distincta revista continúa mantendo brilhantemente os seus creditos, selectamente redigida e nitidamente impressa.

NECROLOGIA

GENERAL JULIO DE ABREU E SOUZA

O fallecido general Julio de Abreu e Souza não foi como seu pae João Chrysostomo de Abreu e Souza um vulto saliente na politica, e por isso se o seu nome não teve a popularidade do illustre estadista, em compensação a sua vida tambem deslisou menos acidentada e mais tranquilla, sem tempestades nem tribulações.

Possuindo altos dotes de caracter e sendo um digno continuador de seu pae no cumprimento dos seus deveres, foi, como elle, um modêlo de honradez e virtudes, chegando ao termo da sua carreira militar e politica sem ter deixado, em todos os seus actos, de observar a mais inteira e completa lealdade com os seus camaradas e correligionarios.

O general Julio de Abreu e Souza nasceu no Porto a 20 de março de 1839.

Matriculou-se no Collegio Militar onde completou o curso a 2 d'agosto de 1856, entrando depois para a Escola do Exercito e sendo promovido a alferes graduado para o batalhão de caçadores n.º 2, em 28 de julho de 1857.

De 1857 a 1863 frequentou a Escola Polytechnica, onde fez o curso de engenharia, habilitando-se com os preparatorios para official do estado maior.

GENERAL JULIO D'ABREU E SOUSA
FALLECIDO EM 19 DE AGOSTO DE 1903

Promovido a alferes effectivo para infanteria 18, passou depois ao quadro da arma de artilharia.

Em 7 de novembro de 1867 foi promovido a 1.º tenente, a capitão em 6 de novembro de 1873; a major em 27 de novembro de 1884; a tenente-coronel em 9 de dezembro de 1887; a coronel em 11 de junho de 1891 e a general de divisão do quadro de reserva em 12 de outubro de 1900.

Entre as commissões de serviço que exerceu sempre com elevado criterio e distincção, contam-se como mais importantes:

A do serviço especial para a exposição universal de Vianna d'Austria;

Chefe da repartição do gabinete, tendo servido com os ministros da guerra conde de S. Januario e generaes José Joaquim de Castro e Marino João Franzini, e em seguida no ministerio presidido por seu pae em 1890;

Director da administração militar;

Commandante da Escola Pratica de Artilharia;

Ajudante de campo do ministro da guerra em 1879;

Encarregado da escolha de armamento, etc.

Nas côrtes foi representante dos circulos de Armamar, Mirandella e plurinominal de Braga, tendo sido eleito deputado nas seguintes legislaturas: 2 de janeiro de 1880 a 4 de junho de 1881; 2 d'abril a 13 de agosto de 1887; 2 de janeiro a 13 de julho de 1888; 2 de janeiro a 10 de julho de 1889; 2 de janeiro de 1890 a 20 do mesmo mez e na legislatura que terminou em 1894.

Por morte de seu pae foi elevado ao pariato em 24 de janeiro de 1896, occupando nas legislaturas de 1897 e 1898 o logar de secretario da meza.

Foi ajudante de campo honorario de S. M. El-Rei, e grande official da ordem militar de S. Bento d'Aviz.

Tinha as medalhas de comportamento exemplar e bons serviços, de cavalleiro da Legião d'honra, de França, e gran-cruz da ordem de merito militar hespanhol.

Falleceu no dia 19 de agosto contando 64 annos de idade.